

Bíblia para Crianças  
(Uma investigação acadêmica suscitada por  
uma criança...)

CLÁUDIA MARIA BARBOSA LOBO

No processo de seleção de tema para conclusão de mestrado em Edição de Texto, eis que surge o tema *Edições da Bíblia para Crianças*, suscitado pelo ávido interesse do meu filho Gabriel numa edição da Bíblia para crianças. Aos dois anos recebeu como presente de Batismo a *Bíblia dos Pequeninos*, da Civilização Editora e, desde essa data, não dormia sem que eu lhe lesse este livro. Contudo, não queria apenas uma ou duas histórias, mas praticamente todo o livro com mais de 200 páginas. Só depois adormecia em paz.

Esta pequena criança retinha-se em cada pormenor, cada palavra, cada imagem, refletia em cada pergunta que o autor deixava em aberto para as crianças. Contudo, havia ilustrações e palavras que, enquanto mãe e educadora, não considerava serem alimento de paz para um santo sono ou que me deixavam dúvidas, pelo que me via obrigada a tapar imagens e alterar ou omitir algum vocabulário que suscitasse maior complexidade psicológica, que o deixasse mais perturbado e lhe causasse medo e não paz.

Uma noite, o Gabriel pede uma história de Nossa Senhora e qual a surpresa quando não a encontro em narrativa alguma, com exceção do Nascimento do Menino Jesus.

Ao longo de todo o meu percurso académico em Línguas e Literaturas Modernas, o estudo da Bíblia não fez parte do currículo, pelo que este era ainda um mundo muito desconhecido. Ao ler esta edição infantil e tomada de assalto pela sensibilidade e pelas dúvidas do meu filho aos 3 anos, levantei-me-me todo o tipo de questões hermenêuticas:

Quem é autor?

Qual será a orientação confessional desta edição?

Que objetivos terão edições desta índole?

Será que a mensagem aqui transmitida corresponde à da Bíblia?

Será que o público-alvo é considerado em relação à sua capacidade de captar a mensagem do autor por palavras e imagens?

Será respeitado o ritmo evolutivo da criança nas diferentes idades?

Será a linguagem utilizada aquela que se pretende que uma criança reproduza no seu processo de aprendizagem?

Com 3 anos de idade, ao ouvir a palavra «biblioteca», o Gabriel ficou a pensar e disse «bibl... bibl... bibl..., mas, mãe, Bíblia é a Palavra de Deus». Esta frase foi determinante para avançar com a investigação de forma oficial e académica. Uma criança de 3 anos, pelo simples contacto com narrativas bíblicas de forma informal, tinha compreendido esta realidade e refletia sobre a mesma. Foi possível compreender a força da Palavra desde tenra idade e, por isso, a necessidade do rigor em apresentá-la como Verdade e não ficção como as outras narrativas infantis mais comuns.

A única verdade presente em toda a minha vida foi o ensinamento da minha mãe: «Deus é amor» (1Jo 4,8.16). Como transmitir às crianças essa mensagem, transversal a todos os cristãos, através de todas as histórias bíblicas? Seriam as edições infantis bem-sucedidas nesta missão?

Tornou-se, portanto objetivo pessoal, social e pedagógico verificar: que mensagem é transmitida às crianças através das edições da Bíblia, que objetivos editoriais e autorais terão as diferentes edições, se nas edições publicadas as crianças encontram, na pessoa de Jesus, o modelo perfeito a seguir em todas as situações das suas vidas, permitindo aplicar o que Ele

ensinou com palavras e ações, respondendo com total entrega de amor à violência dos homens, resumindo toda a Lei: «Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente. Este é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas.» (Mt 22,37-40)

Em 2008, as edições da Bíblia para crianças revelavam ser um fenómeno editorial espantoso, em crescente expansão. Através de árdua pesquisa foi possível constatar que estas edições existem há muito tempo e, atualmente, em Portugal, existe mais de uma centena de edições deste género, surgindo a cada ano várias edições novas, indiciando que, havendo muita oferta, haverá muita procura. A informação técnica destas edições encontra-se, porém, dispersa, não existindo qualquer registo oficial específico. Não é possível encontrar todas as edições publicadas anualmente registadas num único registo.

## Possíveis origens de edições da Bíblia para crianças

O estudo académico realizado em 2008/2009 analisa as diferentes formas como, no século XXI, as narrativas do livro mais famoso, lido e traduzido, a Bíblia, são transmitidas às crianças, através dos livros no espaço editorial português.

A Bíblia apresenta-se como uma verdadeira «biblioteca» de livros, cujo trabalho de edição e tradução é interminável. Este livro de valor inestimável é base de fé das grandes religiões monoteístas: judaica, cristã e, inclusivamente, muçulmana e de culturas orientais e ocidentais, o seu estudo tem sido valorizado pelos vários campos científicos que permitem hoje um olhar mais amplo.

A Bíblia é, portanto, um livro que interessa a crentes e não crentes e a sua leitura e tentativa de compreensão fazem parte de um processo também de descoberta de determinadas raízes culturais do leitor, sobretudo a nível linguístico e moral.

No seguimento da sedimentação do processo de alfabetização das massas como consequência do estabelecimento dos direitos da criança, através do ensino obrigatório, que se tornou uma realidade assente em Portugal

apenas nos anos 80 do século XX<sup>1</sup>, atualmente, as edições para crianças tornaram-se um mercado em autêntica expansão nacional, sendo espaço de formação de iniciantes à leitura e de futuros leitores, que continuarão a dar novos impulsos às editoras.

A leitura infantil está hoje assente no mote «aprender divertindo». É neste quadro que se instalam também as edições de Bíblias para crianças, que nos últimos anos têm conhecido uma enorme proliferação no mundo ocidental. É possível que este movimento editorial se encontre fundamentado tanto na consciência da importância da leitura desde a primeira infância, como no Concílio Ecuménico do Vaticano II (1962-1963) que abre portas ao diálogo religioso, favorecendo e promovendo as traduções da Bíblia Sagrada em línguas vernáculas. Do Concílio do Vaticano II surgiu também a «Declaração: A Educação Cristã», que contempla a importância do direito inalienável do homem à educação, estipulado na Declaração dos Direitos das Crianças.

Estão assim lançadas as condições que dão espaço agora a edições bíblicas para crianças abertas a todo o mercado editorial, sem circunscrições religiosas nem confessionais, dependentes apenas dos critérios e objetivos editoriais que poderão ser ou não evangelizadores, ter ou não em consideração os diferentes estudos bíblicos atuais e as noções de psicologia infantil que permitam adequar texto e imagem às diferentes faixas etárias.

O estudo realizado visou delinear a origem das edições da Bíblia para crianças (dos 4 aos 12 anos) no espaço editorial português e a sua respetiva evolução. Nesta análise, optou-se por designar estas edições por «Bíblias», fazendo distinção entre a Sagrada Escritura e as versões adaptadas para crianças.

Procurou-se averiguar que editoras se dedicam a este tipo de edição, quais os métodos utilizados para seleção e fixação da versão a publicar, que objetivos pretendem cumprir e se estes estão patentes na edição publicada, bem como se é considerada a capacidade cognitiva do leitor final que recebe a mensagem textual e ilustrativa. Foram analisadas diferentes «Bíblias» para crianças entre os quatro e doze anos, abrangendo os primeiros leitores/ouvintes e os primeiros leitores autónomos até à pré-adolescência.

<sup>1</sup> Cf. MAGALHÃES, Ana Maria e ALÇADA, Isabel, «Literatura infantil, espelho da alma, espelho do mundo», *Revista ICALP*, vol. 20 e 21, Julho – Outubro de 1990, 111-123, acedido em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/bdc/revistas/revistaicalp/litininfantil.pdf>.

## O mundo das crianças

### Edições infanto-juvenis: Pré-requisitos e objetivos autorais e editoriais

*A escrita para crianças é aquilo que preenche o que se passa entre o mundo infantil e o mundo adulto.* (Michael Rosen)<sup>2</sup>

Antes de chegar às mãos da criança, um livro tem que passar por muitos adultos: editores, ilustradores, agentes publicitários e de marketing e pelos compradores adultos.

Os livros podem mudar vidas e os livros para crianças têm um grande potencial para mudar a vida das crianças em vários aspetos. Um determinado livro pode estimular na criança o prazer em ler, sendo a primeira experiência agradável de leitura, como por exemplo, se for a história preferida que a criança lê/ouve antes de ir dormir ou o primeiro livro que ela lê sozinha. Existe uma série de organizações e projetos que tentam estimular o amor pela leitura e que contribuem também para a divulgação de determinadas edições/editoras. Este será um dos maiores objetivos sociais das editoras que publicam livros para crianças: mudar vidas e criar uma relação de fidelização com o leitor.

O mundo editorial infantil é um mundo cheio de pessoas desesperadas por «iluminar», provocar interesse e suscitar ideias nas crianças através de mundos imaginários e temas contemporâneos<sup>3</sup>. Contudo, o mercado editorial infanto-juvenil não é fácil. Requer continuamente novos impulsos, histórias, contadas e ilustradas de forma original.

Existe uma necessidade de textos originais, mas poucos são os autores que têm em consideração o grupo-alvo, o mercado e a tarefa de escrita<sup>4</sup>. Além disso, editores e livreiros têm-se queixado que o mercado para livros infantis ilustrados tem-se tornado cada vez mais difícil<sup>5</sup>. A «duração média de vida» dos livros carinhosamente concebidos para crianças é de apenas um ano no mercado.

<sup>2</sup> *In*: NEWBERRY, Linda, *How to Write Books for Children*, s.l.: The Guardian, The Observer, 2008, p. 2.

<sup>3</sup> *Ibidem*.

<sup>4</sup> BROSCHE, Heidemarie, *Kinder- und Jugendbuchschreiben und veröffentlichen*, 3.<sup>a</sup> ed. [ed. atualizada], Berlim: Autorenhaus Verlag, 2009 (1.<sup>a</sup> ed., 2006), p. 74.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 76.

Linda Newberry alerta para o facto de nem todos serem capazes de escrever para crianças, mas que há ainda uma noção errada de que qualquer pessoa pode ser autora de livros infantis, havendo atualmente muitas pessoas mediáticas a fazê-lo<sup>6</sup>.

Michael Rosen diz ainda que para escrever para crianças o autor deve pensar na sua própria infância e depois tentar perceber as principais semelhanças e diferenças entre a sua infância e a das crianças que conhece agora. Deve então pensar qual será a melhor forma de chegar até elas.

Depois, o autor terá que se confrontar com as exigências dos editores que, por exemplo, não querem que um livro ilustrado tenha muito texto ou que retrate temas «muito velhos». Contudo, encontram-se livros que não cumprem estes critérios editoriais, o que acontece sobretudo com autores cujo prestígio lhes permitiu ter liberdade total.

Escrever para crianças requer muito «trabalho de casa», que deve dar especial atenção ao que se publica atualmente e à forma como se contam hoje histórias para crianças<sup>7</sup>.

Heidemarie Brosche dá algumas dicas em relação à atitude que um autor deve tomar ao escrever histórias para crianças<sup>8</sup>: criar distância em relação ao texto (distância física; deixar o texto de lado por uns tempos e depois voltar a ele; ler em voz alta, ouvir outra pessoa ler em voz alta). Critérios apontados por júris literários para que um livro infanto-juvenil seja digno de um prémio <sup>9</sup>:

- Um livro que represente algo *fora do comum*, nunca antes ouvido, implicando um *desafio para o leitor*.
- Um livro que *não seja pedagógico* para que não seja aborrecido.
- Um livro que conta histórias que dão *espaço a vozes e imagens desconhecidas*.
- Um livro que instigue *vontade de ler essa história vezes sem conta*.
- Um livro que abrange *o coração e a razão*, quando trata das *grandes questões universais da vida*, quando conta algo de forma nova e invulgar, quando

<sup>6</sup> Cf. Michael Rosen *in*: NEWBERRY, Linda, *How to Write Books for Children*, s.l.: The Guardian, The Observer, 2008, p. 4.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 2.

<sup>8</sup> Cf. BROSCHE, Heidemarie, *Kinder- und Jugendbuchsreiben und veröffentlichen*, 3.<sup>a</sup> ed. [ed. atualizada], Berlim: Autorenhaus Verlag, 2009 (1.<sup>a</sup> ed., 2006), p. 12.

<sup>9</sup> *Ibidem*, pp. 13-14.

surpreende, espanta, estimula os hábitos de leitura, quando a sua leitura faz refletir, mesmo depois de se fechar o livro, ou quando dá vontade de folhear as suas páginas e percorrer as ilustrações.

– As personagens devem ser uma mistura equilibrada entre figuras semelhantes ao autor (*Leserähnliche*) e diferentes do autor (*Leserfremde*)<sup>10</sup>. As primeiras permitem uma maior identificação por parte do autor, e as segundas, uma novidade que constitui um desafio e uma experiência nova. Se a personagem pensar, sentir, agir de forma absolutamente humana, é possível criar uma identificação com o leitor e dar lugar aos sonhos.

## Como escrever livros não ficcionais para crianças

Nicola Davies alega que escrever este tipo de livros para crianças constitui uma resposta a um nobre «chamamento», pelo que as palavras do autor poderão instigar uma curiosidade no leitor para toda a vida<sup>11</sup>. O princípio básico é fazer uma **pesquisa aprofundada sobre o tema, não menosprezando o rigor da investigação** por se tratar de um livro destinado a crianças. Depois de reunir toda a informação necessária, deve passar-se à ação de cortar informação; *não é necessário contar tudo*. É preferível contar às crianças uma coisa de que se recordem do que muitas que facilmente se esqueçam. **A informação mais básica é muitas vezes a que a criança considera mais fascinante**. Os temas não conhecidos também devem ser explorados, pois dão à criança a noção de que o conhecimento é um projeto contínuo para o qual ela também pode contribuir.

É importante utilizar a linguagem adequada ao público e traduzir informações complexas em palavras que as crianças compreendam demora tempo e muita reflexão (convém utilizar exemplos do mundo infantil para ajudar). A escrita deve ser rica e interessante.

*Publicar um livro não é a recompensa pelo esforço, é um negócio que tem que ser lucrativo.* Linda Newberry<sup>12</sup>

<sup>10</sup> *Ibidem*, pp. 39-40.

<sup>11</sup> *In*: NEWBERRY, Linda, *How to Write Books for Children*, s.l.: The Guardian, The Observer, 2008, p. 11.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 4.

## O público-alvo – como cresce a criança?

*A palavra estabelece a base na qual a criança se constrói, ela constrói a criança e permite à criança adquirir a palavra e comunicar através dela. A palavra e a escuta da palavra dão segurança à criança.*<sup>13</sup>

A psicopedagoga, Isabelle Alby<sup>14</sup> revela-nos que cada criança é única na sua evolução, sendo condicionada pelo seu contexto (familiar, social, cultural, etc.), mas até aos 6/7 anos todas as crianças têm algo em comum: *vivem o instante presente*.

A partir dos 3 anos, a criança começa a descobrir o «eu» e a querer marcar diferença em relação ao «tu/outro». Ela deseja «fazer como os adultos», quer a nível linguístico, quer a nível motor. Nesta altura, começam a surgir as primeiras questões existenciais como «de onde venho?», «porque estou aqui?». Por volta dos seis anos, a criança começa a identificar-se com o seu sexo.

É necessário respeitar o ritmo evolutivo da criança através de uma *coerência* existente entre os adultos com quem vive. Só assim conseguirá ter uma *sólida base de referência* no outro, logo em si mesma.

Em relação ao imaginário da criança, este é *egocêntrico*, ou seja, a criança reconduz tudo o que vive e vê nela própria, não consegue ver o ponto de vista do outro, não consegue conceber que vejam e sintam as coisas de forma diferente da dela. A criança não distingue o imaginário do real (tudo é possível), sendo as imagens mais eficazes que o discurso.

É necessário desenvolver a sua *dimensão espiritual*, ainda muito desconhecida<sup>15</sup>. Esta dimensão, juntamente com a dimensão intelectual e física, faz parte do ser humano como ser global e pode ser desenvolvida através do *sensorial e concreto*. O modo de pensar da criança permanece

<sup>13</sup> Cf. AAVV, *Abrir a Bíblia com 3-7anos – Para Pais Educadores e Animadores do Despertar da Fé das Crianças*, tradução inédita de Maria José Bruno, *snsf* e Maria Fernanda Tavares, *snsf*, de *Ouvrir la Bible avec les 3-7 ans*, CNER – Centre National de l'Enseignement Religieux (França), 2005, p. 7

<sup>14</sup> Cf. *ibidem*, pp. 9-11.

<sup>15</sup> Segundo os antropólogos e filósofos, «a dimensão espiritual da pessoa humana é aquela que conduz ao âmago de si mesma» (cf. PINTO, Patrícia Caldeira, «Uma experiência especial: o despertar da espiritualidade e da fé num jardim-de-infância», in BRUNO, Maria José, *snsf*(coord.), Departamento de Catequese do Patriarcado de Lisboa, *O Despertar Religioso – A Descoberta da Espiritualidade da Criança dos 0 aos 6 anos*, Prior Velho: Paulinas Editora, 2007, p.164.

no *sensorial*, na *vivência* e na *experimentação* (a criança precisa de «fazer» para compreender).

Segundo Aires Gameiro, entre os 5/6 anos e os 12, a criança passa da sua inicial curiosidade exterior para uma curiosidade interior que a faz questionar sobre o que são as coisas e como funcionam. *O seu pensamento é, contudo, indissociável do seu movimento*<sup>16</sup>.

Entre os 5 e os 8 anos, a criança ainda não desenvolveu a capacidade para distinguir o bem do mal. Apenas entre os 9-12 anos, a criança começa a ganhar atração pelo bem devido à admiração que sente por sábios, heróis, santos ou outras pessoas [que considera] importantes<sup>17</sup>.

## A importância das narrativas para o desenvolvimento da criança

As narrativas ocupam um lugar primordial no desenvolvimento da criança, pois ela tem necessidade da palavra, a que ela pronuncia e a que lhe é transmitida. Quando determinada narrativa corresponde à sua fase evolutiva, ela pede que se lhe conte incessantemente (durante semanas ou meses a fio), pois a história «fala-lhe» ao seu inconsciente<sup>18</sup>.

As histórias apresentam referências e modelos, pelo que é necessário variar nas histórias. Estas proporcionam um benefício imediato às crianças, podendo ajudá-las a sair de uma situação, a abrir um novo modo de relação com o mundo em que vive e transmitem cultura e espiritualidade. É importante cultivar o gosto pela leitura, fazendo com que aprender a ler seja agradável à criança e as ilustrações são importantes para que a criança comece por «ler» através delas.

Isabelle Alby afirma que as histórias mais indicadas para as crianças são *histórias que façam sentido*, como contos, histórias familiares, contemporâneas e bíblicas, histórias que alimentem a nível intelectual, cultural e

<sup>16</sup> Cf. GAMEIRO, Aires, «I Parte – O indivíduo através das idades», *Noções de Psicologia e Relações Humanas* (3.<sup>a</sup> ed.), Porto: Edições Salesianas, 1986, p. 18.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 19.

<sup>18</sup> Cf. AAVV, *Abrir a Bíblia com 3-7anos – Para Pais Educadores e Animadores do Despertar da Fé das Crianças*, tradução inédita de Maria José Bruno, *snsf*, e Maria Fernanda Tavares, *snsf*, de *Ouvrir la Bible avec les 3-7 ans*, CNER – Centre National de l'Enseignement Religieux (França), 2005, p. 11.

espiritual. Devem ser contadas histórias sagradas e profanas, estabelecendo, porém, a diferença destas histórias em relação à sua origem e sentido.

Esta psicopedagoga explica que as histórias bíblicas devem ser contadas o mais cedo possível, pois quando uma criança tem contacto com histórias bíblicas entre os 3 e 7 anos, estas permanecem no seu sentido formal (em si mesmas); entre os 8 e 12 anos, a criança já está num estágio diferente, mais «científico», encontrando mais dificuldades em aceder ao texto.

As **narrativas bíblicas** permitem às crianças que ainda não têm noção de tempo estruturar a memória através do encadeamento e memorização das histórias. No entanto, ao contar-se a Bíblia para crianças é necessário ter em conta que nunca se devem induzir sentimentos de medo, críticas de religião, problemas próprios dos adultos ou fomentar imagens falsas de um Deus castigador e/ou distante<sup>19</sup>. *Não se deve inserir elementos extra-bíblicos por pura fantasia*, para não atrair a atenção da criança para aspetos secundários<sup>20</sup>. Deve ter-se atenção para não se transmitir nada de sistemático, nem muito explicativo, permitindo que a criança descubra a narração por si própria<sup>21</sup>.

## Um olhar pelas «Bíblias»

Após ter-se determinado os requisitos editoriais e autorais de edições infante-juvenis, bem como compreender a evolução e necessidades das crianças para um crescimento saudável, foi possível olhar criticamente para as «Bíblias» encontradas.

Uma vez que a análise realizada foi exaustiva e minuciosa, proponho-me apenas destacar os seguintes problemas encontrados em diversas edições:

<sup>19</sup> Cf. CARVALHO, Cristina Sá, «Uma perspetiva sobre o despertar religioso e a educação para a fé», in BRUNO, Maria José, *snsf*(coord.), Departamento de Catequese do Patriarcado de Lisboa, *O Despertar Religioso – A Descoberta da Espiritualidade da Criança dos 0 aos 6 anos*, Prior Velho: Paulinas Editora, 2007, p. 97.

<sup>20</sup> *Ibidem*, p. 121.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 154.

- Ausência de referência a orientação confessional, identificação da Bíblia de referência e de autor/ilustrador que garanta um «selo» de qualidade aos pais e educadores. Pais desconhecem também as diferenças confessionais e poderão não compreender determinadas interpretações doutrinárias que se encontram nas edições infantis.
- Ausência das referências bíblicas a que as narrativas se referem.
- Ausência de identificação das idades do público-alvo de cada edição.
- «Bíblias» enquadradas no sector de ficção, histórias fantásticas, super-heróis, contos.
- O título *Bíblia* induz a erro e leva a criança a deparar-se com várias «Bíblias» que não se referem aos mesmos textos.
- Incoerência entre texto e/ou ilustração e Sagrada Escritura.
- O conteúdo apresenta muitas vezes o que é desaconselhado ao contar histórias bíblicas:

Sentimentos de medo

Linguagem e ilustração violenta

Violência e mentira dos patriarcas apontados como meios necessários para alcançar as promessas e bênçãos de Deus

Críticas de religião

Imagens de um Deus castigador e/ou distante

Elementos ficcionais extrabíblicos

Muita interpretação e pouca palavra bíblica

- Falta de trabalho rigoroso de investigação e falta de criteriosa seleção e trabalho de «corte».
- Falta de conhecimento do público-alvo em termos espirituais e psicológicos.
- Maria, mãe de Jesus.

Apesar de Maria ter uma presença muito discreta e quase silenciosa no Novo Testamento, nas «Bíblias», a sua presença é quase inexistente, salvo algumas exceções. A presença de Maria nos textos sagrados é comum às diferentes confissões. Será Maria um elemento dispensável numa edição para crianças? Um olhar «aconfessional»...

## Maria, ponte para o diálogo interconfessional

### a) Entre cristãos e muçulmanos

Augusto Cury<sup>22</sup> aponta Maria como a mulher mais famosa da História e como a única mulher exaltada em dois livros sagrados: a Bíblia e o Corão<sup>23</sup>. Inclusivamente, a questão que suscita polémica sobre a concepção virginal de Jesus é transversal a cristãos e muçulmanos<sup>24</sup>, ambos os crentes reconhecem como dom divino o nascimento de Jesus por meio de Maria.

### b) Entre cristãos e judeus

Maria estabelece a ponte entre o Antigo e Novo Testamento. No seu *Magnificat*, exalta a Deus, fazendo mais de 15 citações do AT. Do pouco que a Bíblia refere, sabemos que ela e seu esposo, José, cumpriam os preceitos da Lei, eram tementes a Deus, cumprindo os rituais aos quais estavam sujeitos. Quase sem palavras, apresentam-se como modelo singular de fidelidade a Deus, educando Jesus segundo a Lei de Moisés.

### c) Entre crentes e não crentes

Maria acolhe a todos: pastores, magos do Oriente, amigos «marginais» de Jesus, sem fazer acepção de pessoas. Tanto no AT como no NT, a acepção de pessoas é transgressão da Lei e não agrada a Deus (por exemplo, Mt 2,9 e Tg 2,9).

### d) Maria, modelo de educação

Augusto Cury, sem se incluir em confissão alguma<sup>25</sup>, apresenta-nos a espiritualidade inteligente de Maria, que passa pelas situações mais dramáticas e angustiantes da vida enquanto mãe, mas mantém a serenidade nas tribulações e educa o seu Filho para enfrentar as mais adversas situações. Cury descreve-a como: *jovem inteligente, intuitiva, intrépida, serena, sensível e principalmente livre de preconceitos religiosos*<sup>26</sup>.

<sup>22</sup> Augusto Cury: médico, psiquiatra, psicoterapeuta e escritor brasileiro, que desenvolveu a teoria da Inteligência Multifocal, sobre o funcionamento da mente, o processo de construção do pensamento e formação de pensadores (*in*: <http://www.augustocury.com.br/biografia>).

<sup>23</sup> Cf. CURY, Augusto, *Maria, a maior educadora da História. Dez princípios que Maria utilizou para educar o Menino Jesus*, Alfragide: Publicações Dom Quixote – Livros d’Hoje, 3.<sup>a</sup> ed., contracapa.

<sup>24</sup> Cf. [www.gratisquran.com](http://www.gratisquran.com)

<sup>25</sup> Cf. URL: <http://www.esextante.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=604&sid=7>

<sup>26</sup> *In*: CURY, Augusto, *Maria, a maior educadora da História. Dez princípios que Maria utilizou para educar o menino Jesus*, Alfragide: Publicações Dom Quixote – Livros d’Hoje, 3.<sup>a</sup> ed., p. 77.

A presença quase silenciosa de Maria poderá ser hoje vista como um grito de fé e esperança no meio dos piores cenários possíveis. Estando sujeita a situações de *stress* psíquico que abalam qualquer um, não perde equilíbrio emocional e psicológico. Ao aceitar a proposta de Deus através do anjo Gabriel, aceita esta realidade: ficar grávida antes de coabitar com seu esposo, José, sujeita à incompreensão de todos e à pena de morte por apedrejamento. Enquanto mãe, toda a sua vida de mãe foi repleta de tribulação, estando a vida do seu Filho permanentemente ameaçada, porém, demonstra total confiança e perseverança na Palavra, juntamente com seu esposo, homem justo e obediente a Deus (Mt 1,19.24). Em Maria encontra-se acolhimento, fortaleza, ternura, fé e exaltação de Deus. Cury apresenta-a como a melhor educadora da História, será positivo omiti-la das edições para crianças?

#### e) Maria, mãe solteira?

Praticamente todas as «Bíblías» *atualizaram* a tradução de «Maria desposada» para «noiva» de José aquando da anunciação do anjo (Mt 1,18), i.e., teria concebido um filho fora da sua união matrimonial. Hoje em dia, é recorrente falar-se de «Maria, mãe solteira», tendo casado com José já depois de engravidar. Contudo, Charles Perrot esclarece: «casada ou noiva?»<sup>27</sup>. Conforme o texto bíblico, José é esposo de Maria (Mt 1,16.19.20.24). Maria «desposada» significa que Maria era casada, conforme os costumes de sua época: após união jurídica, os esponsais mantinham-se em casa de seus pais durante cerca de um ano e só coabitavam findo este tempo. Na *Bíblia de Estudos de Genebra*, na nota de Lucas 1,27, afirma-se ainda que seria preciso o divórcio para anular tal compromisso.

Em Mateus 1, diz-se, portanto, que José é esposo de Maria e Maria, noiva de José. O termo «noiva» apresenta, assim, mais dificuldades de interpretação do que simplificação do texto. O sentido sponsal original perde-se e a coerência dentro do próprio texto também.

<sup>27</sup> Cf. PERROT, Charles, *Narrativas da Infância de Jesus*, 2.<sup>a</sup> ed., «Cadernos Bíblicos» n.º 9, Lisboa: Difusora Bíblica, Abril de 1990, trad. Américo dos Santos Pereira, p. 26.

## Orientação confessional

Ao analisar diferentes edições, verificaram-se diferenças em termos de seleção de texto, vocabulário e de ilustrações, que depois se demonstraram como reflexos das crenças e divergências confessionais e de tradução.

Como são raras as edições que indicam a sua orientação confessional, após ter-se analisado um grande número de obras, verificou-se que existem elementos confessionais que indiciam, explícita ou implicitamente, que uma edição será de orientação católica, distinguindo-a das demais:

- a) *Imprimatur* e/ou aprovação eclesiástica
- b) Presença de livros e textos deuterocanónicos
- c) Presença textual e ilustrativa de Maria, mãe de Jesus, nas diferentes cenas bíblicas em que aparece
- d) Exaltação de Maria, Mãe de Jesus, Virgem Imaculada<sup>28</sup>
- e) Presença do termo «eucaristia»
- f) Referência aos sacramentos da Igreja Católica
- g) Designação de José, João Baptista, mártires e evangelistas como «santos<sup>29</sup>»

O estudo realizado envolveu a análise de «Bíblias», publicadas num só volume, provenientes de diferentes épocas e confissões. Após ter-se feito levantamento de um grande número de «Bíblias» publicadas em Portugal, como objeto de estudo detalhado, selecionaram-se doze, consideradas representativas da evolução que a edição de «Bíblias» em Portugal tem sofrido, desde o fim do século XIX até à primeira década do século XXI. As obras estudadas apresentam diferentes abordagens das histórias bíblicas, a nível das narrativas apresentadas e do tipo de adaptação linguística, bem

<sup>28</sup> Na *Bíblia de Estudos de Genebra*, afirma-se que Maria era uma pecadora igual a David e Pedro (Cf. WHITLOCK JR., Luder, (dir. exec.), *Bíblia de Estudo de Genebra – A Bíblia Sagrada, Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil*, São Paulo: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999, p. 1183). Possivelmente será este o motivo que leva a que a pessoa de Maria desapareça quase por completo da maioria das edições traduzidas, provenientes de países e editoras de orientação protestante.

<sup>29</sup> As designações de «S. João», «S. Mateus», etc., por norma, confinadas ao catolicismo. Estão presentes nas edições católicas da Bíblia e ausentes das edições protestantes e ecuménicas ou inter-confessionais. A presença do «S.», atribuindo um carácter de santidade a determinadas pessoas da Bíblia, geralmente, implica uma relação católica, mas a sua ausência não implica necessariamente uma relação protestante ou evangélica.

como a nível das ilustrações. Todas elas apresentam uma informação técnica razoavelmente detalhada e têm em comum uma manifesta intenção de transmitir a fé cristã.

As edições contempladas foram publicadas por editoras religiosas e leigas, com objetivos diferentes e para públicos diferentes, condicionados pela sua idade, sociedade e cultura.

Por norma, este tipo de edição é sempre estrangeira, com a exceção de raros exemplares nacionais. Os que foram considerados mais interessantes, quer a nível da seleção de textos e linguagem, quer a nível das ilustrações, são da responsabilidade da Sociedade Bíblica Portuguesa (inicialmente protestante, mas atualmente interconfessional): *A Boa Nova para as Crianças*, *Bíblia em Verso* e *Histórias da Bíblia para Crianças*.

## Conclusão

Ao enveredar por esta investigação académica, foi possível verificar que a riqueza literária da Bíblia fornece material de excelência para edições infantis, na medida em que é capaz de cumprir os requisitos editoriais necessários para criar edições «dignas de prémios literários» e para ajudar o desenvolvimento das crianças em várias fases da sua evolução cognitiva, estimulando o gosto pela leitura. As narrativas bíblicas são trazidas ao público infantil nos mais variados formatos, havendo edições grandes com muito pouco conteúdo e edições reduzidas com muito; os critérios editoriais variam muito. Contudo, a maior parte das edições analisadas não parece apresentar adequação à faixa etária destinada; em muitos casos, não há sequer indicação da idade do público a que as edições se destinam, porém, todas se encontram na secção infantil das editoras que abrange a primeira infância.

São raras as edições que têm em consideração a psicologia infantil no que diz respeito à dimensão espiritual da criança, à importância da palavra que a constrói e à forma como a criança evolui. Mesmo as edições que pretendem transmitir uma mensagem de fé, não abdicam de pormenorizar em texto e imagens as histórias que escandalizam qualquer adulto do mundo ocidental: «ira de Deus», «Deus manda Abraão matar o filho», «Moisés matou um egípcio», «David cortou a cabeça a Golias», «Judite cortou a

cabeça a Holofernes». Estas palavras devidamente ilustradas podem ser interessantes para um adulto que as encare com distanciamento, mas serão certamente «alimento sólido que as crianças ainda não poderiam suportar» (1Cor 3,1-4; Heb 5,11-14). Estas histórias encontram-se em livros para crianças desde os três anos, cujo autor/editor provavelmente não tem em consideração que, até aos 9 anos, a criança tem necessidade de compreender o mundo, *experimentando-o* e que não tem ainda capacidade de distinguir o bem do mal, sendo essa capacidade adquirida pela admiração e subsequente imitação de *modelos de referência*.

A tendência atual é transmitir cultura e informação contida na Bíblia, tendo em conta a utilização de ilustrações, palavras e *lettering* que facilitem a aprendizagem da leitura e a memorização das histórias e evitando lições de moral. As narrativas, porém, são na maior parte dos casos retiradas do seu contexto original e é dado mais relevo às histórias complexas do AT, repletas de elementos socioculturais e psicológicos distantes dos nossos, do que à mensagem da Bíblia como História da Salvação e, na grande maioria, apresentam graves inconsistências textuais e/ou ilustrativas. Apenas a edição do século XIX<sup>30</sup> apresenta a complexidade do AT com visão crítica e uma linguagem pedagógica acessível e adequada à faixa etária do público-alvo, explicitamente indicada. Nesta edição, a Bíblia é vista como um todo uno, sendo interpretada à luz da Tradição Católica.

Dado que não existe um critério unívoco na edição de «Bíblias», para verificar se as edições cumprem os critérios de fidelidade ao texto original, é necessário ler todas as histórias de cada edição, conhecer bem a Bíblia relativamente às diferenças mais marcantes entre edições e doutrinas protestantes e católicas e às diferenças entre os quatro evangelistas que nararam as mesmas histórias mas apresentam elementos diferentes. Nas edições para crianças é comum encontrar muita informação adicionada ao texto original que compromete o critério de fidelidade, chamando a atenção das crianças para pormenores que não existem na Bíblia e introduzindo informação a nível psicológico dos personagens que comprometem as possíveis interpretações que a Bíblia deixa em aberto, bem como a própria simbologia das narrativas. Ao analisar as «Bíblias» desde os primórdios da

<sup>30</sup> NOIRLIEU, Abade Martinho de, *A Bíblia da Infância: História Resumida do Velho e do Novo Testamento Dedicada às Crianças de Oito a Doze Anos*, Lisboa: Livraria António Maria Pereira, 1898 (novamente traduzido do Francês).

sua existência em Portugal, foi possível observar que, até aos anos 70/80 do século XX, as edições existentes são maioritária e explicitamente católicas, apresentando *imprimatur* e/ou aprovação eclesiástica. Por norma, contêm um prefácio ou apresentação que manifestam o seu objetivo explicitamente evangelizador e formador de princípios morais e o seu discurso narrativo, muito semelhante ao da Bíblia (embora raramente estejam indicadas as passagens bíblicas referidas), incluem reflexões de índole moral e interpretações do texto bíblico à luz da Tradição Apostólica. As ilustrações que apresentam são muito realistas e também contêm indícios de interpretação bíblica segundo a Tradição.

A partir dos anos 70/80, as «Bíblias» já não apresentam *imprimatur*, nem aprovação eclesiástica, e raramente fazem referência à sua confissão ou intenção editorial. Atualmente existem editoras religiosas e leigas, com ou sem orientação confessional, que se dedicam à publicação de «Bíblias». A maior parte das publicações em Portugal são traduções cuja orientação original é sobretudo protestante ou meramente literária. As ilustrações da pessoa de Jesus perdem os símbolos de divindade e santidade (auréolas e auras resplandecentes) e tendem a ser cada vez mais «abonecadas», tendo como referência as animações que as crianças estão habituadas a ver na televisão e computador, no intuito de se aproximarem do «mundo das crianças».

Por um lado, esta última tendência poderá constituir um obstáculo na transmissão da mensagem, caso se pretenda que as crianças assumam os textos e personagens bíblicos como verdadeiros e não puramente ficcionais. Por outro lado, não se tem em consideração que o imaginário das crianças se prende com o mundo real em que vivem. As crianças portuguesas, responsáveis pelas ilustrações de *Histórias da Bíblia para Crianças*, demonstram como realmente veem as figuras bíblicas: figuras reais, semelhantes às pessoas que conhecem e não semelhantes aos bonecos animados que veem. Jesus, por vezes, é representado de forma diferente das outras figuras, com uma aura resplandecente ou auréola, o que supõe que seja essa a tradição ilustrativa de Jesus que elas conhecem.

As edições nacionais são parcas, sendo as três consideradas relevantes publicações da Sociedade Bíblica Portuguesa. Todas revelam uma unidade nacional a nível linguístico e cultural, destacando-se a forte presença de Maria, tanto nos textos como nas ilustrações, ao contrário de um grande número de edições traduzidas que a omitem.

No que diz respeito ao título *Bíblia* para as edições para crianças, este não parece adequado nem justo, pois, com a exceção de a *Bíblia – História do Povo de Deus* (Edições Salesianas), nenhuma edição para crianças apresenta a totalidade dos livros da Bíblia. Não existe um único critério em comum entre as diferentes «Bíblias», apenas alguns textos bíblicos comuns, de forma mais ou menos fiel, com uma intenção mais ou menos pedagógica, mais ou menos cristã. As edições raramente cumprem por completo o critério de fidelidade a nível textual, cultural e ilustrativo<sup>31</sup> e o excesso de informação relativamente à violência presente sobretudo nas narrativas dos patriarcas e «heróis» do AT poderá dar azo a fundamentalismos onde a violência é justificada pela religião ou a uma repulsa da Bíblia e das religiões que a têm como base de fé.

A forma como a maioria das edições da Bíblia para crianças com menos de 12 anos é apresentada e ilustrada poderá levar a uma aproximação precoce da complexidade bíblica que dificilmente as aproximará da mensagem da Bíblia relativamente à fé num Deus misericordioso. Os conteúdos das edições mais atuais, que dão ênfase às narrativas mais violentas, por apresentarem os «heróis» do AT como assassinos, mentirosos, manhosos cuja violência é «apoiada» por Deus para vencer os inimigos, não cumprem os objetivos evangelizadores cristãos, cuja doutrina se baseia na lei do amor e serviço ao próximo, seguindo o exemplo que Jesus veio dar aos homens (Jo 13,33-35, Mt 22,34-40; Mc 12,28-31; Lc 10,25-28).

De acordo com a psicologia, a maior parte das experiências que ocorrem na infância (desde o nascimento) marcam a estruturação da personalidade adulta<sup>32</sup>. Para além da preocupação em dar alimento intelectual, as edições da Bíblia para crianças também deveriam contemplar a psicologia

<sup>31</sup> A «Bíblia» da Fundação à Ajuda à Igreja Que Sofre, *Deus Fala Aos Seus Filhos*, surge como exceção à regra, apresenta um excelente nível de fidelidade em todos os níveis, com referências bíblicas e aprovação eclesial, contudo indicada para crianças dos 5 aos 10 anos de idade. Tem, porém pequenos episódios em que a violência verbal/ilustrativa não parece indicada para crianças tão pequenas. Após esta análise, parece ser mais indicada para crianças a partir dos 8/9 até ao fim da vida, pois é também um bom caminho para qualquer jovem e adulto se iniciar pela aventura que é descobrir a Bíblia, tendo sido instrumento essencial neste estudo.

<sup>32</sup> Cf. CARVALHO, Cristina Sá, «Uma perspectiva sobre o despertar religioso e a educação para a fé», in BRUNO, Maria José, *snsf*(coord.), Departamento de Catequese do Patriarcado de Lisboa, *O Despertar Religioso – A Descoberta da Espiritualidade da Criança dos 0 aos 6 anos*, Prior Velho: Paulinas Editora, 2007, p. 71.

infantil e as dificuldades que os textos da Bíblia impõem, para que o primeiro contacto com a Sagrada Escritura contribuísse para uma estruturação positiva e edificante da criança. Que experiências se pretendem proporcionar às crianças com as narrativas bíblicas? Será possível que mesmo o AT pode contribuir para amar a Deus e ao próximo, a ultrapassar dificuldades pessoais e inter-relacionais? Segundo o psicólogo Dr. Peter Damgaard-Hansen «a Palavra de Deus e as Suas promessas na Sagrada Escritura revelam o sentido da vida e proporcionam a solução para as dificuldades humanas» (Dr. Peter Damgaard-Hansen<sup>33</sup>).

Os conhecimentos obtidos neste estudo permitiram-me pôr em prática as conclusões retiradas e educar o meu filho com base na Bíblia e nos seus ensinamentos, com sentido e coerência. A Bíblia tornou-se nosso «manual de educação vital», valioso auxiliar em todas as situações da vida, começando pelo «leitinho» e passando para os alimentos mais sólidos, conforme vai aumentando a tolerância do «estômago». Aos 8 anos, escreve na escola sobre o seu livro preferido:

*O meu livro preferido chama-se Bíblia Sagrada.*

*É um livro da vida de Jesus, os milagres de Deus, do Espírito Santo e de Jesus. Fala dos Anjos e dos Arcanjos São Rafael, São Miguel e São Gabriel.*

*Aprendi que Deus venceu Satanás (Diabo) e trouxe todos os que acreditaram em Deus e que morreram a crer n'Ele para serem Santos como Ele.*

O manancial bíblico está pronto, o conhecimento sobre as crianças também. Os livros para crianças podem mudar vidas. A Bíblia para crianças pode mudar vidas, mas será que para melhor?

Em 2013, o Papa Francisco desafia-nos com a encíclica *Evangelii Gaudium* que nos impele à ação. No mesmo ano, o teólogo Eloy Bueno de La Fuente afirma que sem a alegria, não há anúncio/testemunho<sup>34</sup>. As crianças

<sup>33</sup> Cf. DAMGAARD-HANSEN, Dr. Peter, «Reconciliation in Hurting Relationships. The nuts and bolts –a and grace – required», s.l.: s.d., p.13 [folheto distribuído gratuitamente].

<sup>34</sup> Curso *A Mensagem de Fátima nos Dramas da História*, lecionado em Outubro de 2013, na Faculdade de Teologia da Universidade Católica, de Lisboa.

só poderão encontrar alegria nas edições infanto-juvenis, se esta estiver no coração daqueles que transmitirem a Palavra por ilustração e texto. Este deverá ser um objetivo para que as edições bíblicas infantis sejam árvore que dê bom fruto.

*Porque a sabedoria abriu a boca dos mudos e tornou eloquente a língua das crianças. (Sb 10, 21).*